

TDAH e relações escolares: uma análise da literatura de abordagem crítica

ADHD and school relationships: an analysis of the literature with a critical approach

Luíza Nunes Marques

Andrea Soares Wuo

Universidade Regional de Blumenau – FURB

Blumenau/SC - Brasil

Resumo

Para refletir sobre o estudante com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na escola regular e suas relações escolares, é necessário realizar uma pesquisa aprofundada sobre os trabalhos já publicados. Assim, foi realizada uma revisão de literatura na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na biblioteca eletrônica online Scientific Electronic Library Online (SciELO), com o objetivo de identificar trabalhos que discutam sobre as relações escolares de estudantes com TDAH, dentro de uma perspectiva crítica. Foram encontrados 10 trabalhos que fornecem contribuições para a pesquisa. Com isso, destacou-se a necessidade de considerar as relações a partir do ponto de vista do próprio estudante com TDAH e que educar considerando as diversidades é uma forma de respeitar as singularidades e romper com a lógica da homogeneidade e normalização dos corpos.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade; Relações; Revisão de literatura.

Abstract

To reflect on the student with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) in regular school and their school relationships, it is necessary to conduct an in-depth research on the works already published. Thus, a literature review was conducted in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) and on the online electronic library Scientific Electronic Library Online (SciELO), with the objective of identifying works that discuss school relationships of students with ADHD, from a critical perspective. 10 studies were found that provide contributions to the research. With this, we highlighted the need to consider relationships from the point of view of the student himself with ADHD and that educating considering diversities is a way to respect singularities and break with the logic of homogeneity and normalization of bodies.

Keywords: Attention Deficit Hyperactivity Disorder; Relationships; Literature review.

Introdução

Embora o TDAH não esteja contemplado no rol das deficiências, sua condição de transtorno, construído a partir do modelo biomédico, permite compreendê-lo sob a perspectiva dos estudos sociais da deficiência (disability studies), visto que pessoas com TDAH também carregam o estigma do capacitismo, do “deficiente”, do estudante “especial”, que deve ser “incluído”, que necessita de especialistas para ser compreendido. A ênfase da discussão em torno do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) recai sobre como a normalização de comportamentos existentes no ambiente escolar produz uma medida comum que deve ser seguida. Tal medida faz com que o estudante que desvia da norma seja considerado diferente, desajustado do padrão, e isso leva a uma consequente patologização dos comportamentos considerados fora da norma. O objetivo principal deste artigo é identificar pesquisas que discutam as relações escolares de estudantes com TDAH dentro de uma perspectiva crítica. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura atual sobre o tema na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na biblioteca eletrônica online Scientific Electronic Library Online (SciELO).

TDAH como construção social

Na década de 1920, a predominância dos ideais eugenistas, marcada pela ideia de aprimoramento racial da espécie humana por meio do controle social, fundamentava as noções de saúde e doença física e psíquica da população (OLIVEIRA, 2011). Sob os preceitos da eugenia, justificavam-se os meios para a marginalização social de imigrantes, negros e deficientes. Nesse contexto, e com o apoio da Higiene Mental, a educação passa a ser vista como uma forma de civilizar e regenerar os povos, tanto física quanto moralmente. Surge, então, o higienismo, com a missão de corrigir possíveis desajustamentos nas crianças e jovens que impediriam de desenvolver uma futura sociedade digna (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 2007). Nesse sentido, a corrente higienista buscava compreender o corpo com “uma perspectiva antecipatória, preditiva e preventiva” (GONDRA, 2000, p. 102). Da mesma forma, Gondra (2000, p. 101) afirma que “a higiene é representada como ciência-matriz, apontando para uma hierarquia a ser seguida no interior da ordem médica, assim como em seu exterior”, com o objetivo de ter infâncias protegidas, preservadas e higienizadas.

Em 1922 ocorreu o 1º Congresso de Proteção à Infância, ocasião em que foram discutidos argumentos sobre a infância e o processo de higienização em articulação com correntes médicas, religiosas e econômicas. Por meio desse processo, “o cuidado com a infância passa a ser representado como investimento, tendo em vista gerar/produzir sujeitos que pudessem ser integrados produtivamente ao mundo do trabalho” (GONDRA, 2000, p. 105). Em 1923 foi fundada a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), dedicada principalmente à preservação da integridade física e psicológica das crianças. No entanto, também buscava “a garantia de uma mão de obra qualificada de um futuro cidadão enquadrado nas normas prescritas, sem ameaças à ‘ordem’ e ao ‘progresso’” (SILVA JÚNIOR; ANDRADE, 2007, p. 429). Em relação à LBHM, Silva Júnior e Andrade (2007) afirmam que, baseada nos preceitos eugenistas da época, almejava-se o aperfeiçoamento racial, por meio da criação de uma nação forte e saudável.

A partir do momento em que a perspectiva higienista entra nas escolas, passa-se a ter um controle mais rígido sobre os corpos infantis. Destarte, padrões de normalidade e comportamento, sustentados pela ciência da época, orientaram os modos de ser e viver em sociedade. A ideia de um ‘homem modelo’ construída pela medicina moderna no século XIX ainda persiste nos dias atuais, pois, conforme Moysés e Collares (2013, p. 12), aquele “que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em problema individual”.

Diante disso, a sala de aula é um espaço que requer uma padronização: de ajustamento dos corpos que fazem parte dela, de atitudes e comportamentos. Moysés e Collares (2013) afirmam que conforme esses padrões de comportamento vão sendo naturalizados desenvolve-se uma crença de que é preciso seguir os moldes impostos para se adequar à norma, e isso “é um dos elementos fundantes da submissão, do não questionamento, da docilização de corpos e mentes” (MOYSÉS; COLLARES, 2013, p. 11). É possível perceber que o modelo higienista ainda possui reflexos na sociedade atual e nos espaços escolares, porque “o programa escolar codificado no ambiente médico irradiou-se para além das instituições e da comunidade médica, em seu sentido mais estreito, sendo apropriado e tendo sido transformado em práticas pedagógicas” (GONDRA, 2005, p. 5). A perspectiva higienista assume o controle do universo educacional: “a arquitetura, os

manuais de ensino, os estabelecimentos escolares criados e dirigidos por médicos [...]” (GONDRA, 2005, p. 5) e a identificação dos alunos pelos laudos e diagnósticos.

Atualmente, a concepção de que a criança que não se enquadra nestes moldes normatizadores e reguladores é vista como desviante ainda persiste. Seus comportamentos, atitudes e aprendizagens, ao fugirem do padrão aceito como normal, transformam-se em estereótipos. Nota-se então que o desvio e a diferença só existem quando estamos em relação com o outro (WUO, 2009). Ainda que com o passar dos tempos a criança tenha adquirido maior autonomia, suas vozes sejam escutadas e relevadas, os conhecimentos e anseios valorizados, ainda é comum vermos padronizações tanto na sociedade, quanto em sala de aula. No ambiente escolar, a criança com TDAH é identificada, muitas vezes, pelo seu diagnóstico, o que faz com que seja rotulada e estigmatizada, vista como ‘fora da norma’, ‘desviante’, ‘anormal’, ‘problema’. Do ponto de vista biomédico, os transtornos são considerados uma desordem neurobiológica. Neste trabalho, o TDAH é entendido com base no modelo social da deficiência, considerando-o como uma construção social que ocorre mediante as relações entre o indivíduo e sua realidade. O modelo social refuta a noção de deficiência como um atributo individual, segundo uma lógica do corpo doente e incapaz, considerando-a como uma “questão eminentemente social” (DINIZ, 2007, p. 7), que envolve a participação da família, da escola e da sociedade. A partir disso, é necessário que o olhar para a criança com TDAH não esteja vinculado à patologia e tenha uma abordagem social, pois o diagnóstico não depende única e exclusivamente da criança, mas também do meio social no qual está inserida. Como afirma Diniz (2007, p. 4), “o que existe são contextos sociais pouco sensíveis à compreensão da diversidade corporal como diferentes estilos de vida”. Logo, é preciso olhar além do fator biológico, rompendo com afirmações estéticas sobre os estilos de vida e com eufemismos discriminatórios sobre o corpo que é considerado fora da norma.

Para a Liga do Lesados Físicos Contra a Segregação (Upias), conforme Diniz (2007, p. 8), “a lesão seria um dado corporal isento de valor, ao passo que a deficiência seria o resultado da interação de um corpo com lesão em uma sociedade discriminatória”. Sobre essa questão, é possível compreender que a pessoa que possui transtornos também enfrenta limitações na participação social com base em suas características. A relação dos transtornos com um corpo com lesão é considerada, neste estudo, sob a base do modelo social da deficiência, devido ao fato de que desencadeia tensões cotidianas entre

corpo/comportamento/sociedade. Nesse sentido, a “deficiência passou a ser um conceito político: a expressão da desvantagem social sofrida pelas pessoas com diferentes lesões” (DINIZ, 2007, p. 9). Dessa forma, as consequências sociais enfrentadas por pessoas com transtornos também são definidoras de práticas excludentes, que ainda enxergam o diagnóstico como tragédia pessoal. Contudo, é preciso que essas questões sejam entendidas nas esferas “dos direitos, da justiça social e das políticas de bem-estar” (DINIZ, 2007, p. 9). Os comportamentos ‘fora da norma’ são produtos da relação entre pessoa e o meio social. A escola, por exemplo, exige uma conduta controlada, em que a criança precisa sentar-se e copiar do quadro o conteúdo; só que, ao contrário disso, a criança deseja se movimentar. Assim, a noção de desvio é uma construção social que não depende do desvio em si, mas dos padrões socialmente determinados de normalidade. Conforme Becker (2008, p.21), “grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders (...) desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso”.

A compreensão sobre o TDAH, assim como de outros transtornos, deficiências ou outros “desajustamentos” (WUO, 2009), perpassa pelas relações que se estabelecem entre os indivíduos e as normas. Tendo em vista que é nessa interação que os desvios são produzidos, a compreensão do comportamento “desviante” varia conforme seu contexto de manifestação. Em contrapartida, o controle pela normalização do comportamento provoca a busca incessante de soluções, destacando-se, no caso do TDAH, terapias e recursos medicamentosos, na tentativa de homogeneizar os corpos, os comportamentos e as aprendizagens. Sob a lógica da medicalização do cotidiano escolar, comportamentos como a falta de atenção, atitudes “rebeldes” e as dificuldades de aprendizagem tendem a ser patologizados, diagnosticados e nomeados conforme os manuais de diagnósticos médicos. Problemas de ordem social e relacional tornam-se, no discurso da medicalização, um laudo.

Os estudos sobre neurodiversidade, inseridos no campo dos chamados *disability studies*, vem ganhando destaque. Segundo Ortega (2009), neurodiversidade é um termo que tenta enfatizar uma conexão neurológica atípica ou neurodivergente, considerada uma diferença humana. Se opõe, portanto, aos movimentos que argumentam que as pessoas com deficiências e transtornos devem ser curadas ou se tornar o mais próximo possível da

normalidade. Desse modo, as deficiências e os transtornos não são considerados uma doença, uma tragédia pessoal, mas uma diferença cujos problemas decorrem de questões sociais, políticas e culturais. Pois, “o indivíduo só pode ser considerado ‘normal’ por oposição ao indivíduo considerado ‘deficiente’. A deficiência aparece como construção cultural” (ORTEGA, 2009, p. 68). Consideramos que é na escola que as diferenças se entrecruzam. No entanto, nem toda diferença é tolerada e o espaço escolar torna-se também o lócus de produção do ‘outro’ e de identidades diferentes. De acordo com Goffman (2008, p. 91), a identidade social e pessoal se constitui como parte “dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão”. A estigmatização do outro, a partir da ideia de incapacidade que se inscreve no discurso sobre deficiência e transtornos, como o TDAH, determina os modos de ser do indivíduo estigmatizado. O estigma, para Goffman (2008, p. 7), é “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” que se estabelece entre indivíduos que o autor denomina como “normais” e “estigmatizados”. Essa relação, entretanto, varia sempre conforme a norma do contexto em que os indivíduos se inserem. No cotidiano escolar, o processo de estigmatização pode provocar sentimentos de não pertencimento, inferioridade e incapacidade. A criança, ao receber um rótulo, muitas vezes legitimado na forma de laudo ou diagnóstico médico, rompe com as expectativas estipuladas pelas normas escolares, tornando-se desacreditada.

Conforme Goffman (2008) salienta, o meio social cria modos de categorizar as pessoas. Ou seja, define os atributos comuns e naturais para elas. Esses atributos comuns são chamados pelo autor de identidade social. A identidade virtual, por sua vez, é aquela que engloba as expectativas normativas em relação ao outro. A discrepância entre ambas “tem como efeito afastar o indivíduo da sociedade e de si mesmo de tal modo que ele acaba por ser uma pessoa desacreditada frente a um mundo não receptivo” (GOFFMAN, 2008, p. 20). Nesse contexto, as marcas de prestígio ou de estigma pertencem à identidade social. Por isso, é necessário que, ao estabelecer relação com a identidade do outro, o foco esteja nas interações e não nos atributos individuais.

Método

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o tema em questão, foi realizada uma busca de trabalhos já publicados. Inicialmente, foi utilizada a Biblioteca Digital

Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) com os descritores TDAH e amizade. Posteriormente, foram pesquisados os descritores TDAH, relações e escola. Por fim, também foi realizada uma pesquisa no site Scientific Electronic Library Online (SciELO), para busca de periódicos científicos relacionados às palavras-chave TDAH, criança e escola.

Na BDTD, com as palavras-chave: TDAH e amizade, foi possível encontrar 3 trabalhos. Destes, 2 dissertações e 1 tese. Uma dissertação foi excluída da seleção, pois seu objetivo era analisar a eficácia de jogos para desenvolvimento da atenção e concentração de estudantes com TDAH. Uma tese e uma dissertação tratavam sobre as relações de amizade. Assim, foi realizada a leitura dos resumos e dos resultados obtidos pelos estudos dos trabalhos e são exemplificados mais adiante. Para ampliar as buscas sobre o tema abordado, uma nova procura foi realizada, mas com descritores diferentes: TDAH, relações e escola. Com essas palavras-chave, foram encontrados 50 trabalhos, com o filtro pelo idioma português o total foram 49 trabalhos, ordenados por relevância. Destes, 38 são dissertações e 11 são teses. Também foi realizado o processo de leitura dos resumos para classificá-los entre os que forneceriam contribuição para o estudo e os que seriam descartados por não seguirem a mesma perspectiva. Assim, os trabalhos foram divididos em categorias.

Dos 49 trabalhos encontrados, 32 foram vinculados ao modelo biomédico, pois envolviam testes com medicações, escalas de avaliação e programas de intervenção para verificação de sintomas, uso do metilfenidato (comumente conhecido como Ritalina) e avaliação de desempenho com o uso do fármaco, incluindo as áreas da psicologia e psicanálise. Portanto, foram descartados por não possuírem a mesma perspectiva da pesquisa, não fornecendo contribuições para o estudo. Duas dissertações foram descartadas por tratarem o TDAH como comorbidade, um da Dislexia, outro do TEA – Transtorno do Espectro Autista. Um trabalho era repetido, outro tratava da inclusão/exclusão na perspectiva religiosa, vinculado à Teologia e também foi descartado. Dos 13 restantes, 11 abordavam as relações sociais, porém, 6 deles sobre as relações familiares e também foram descartados, restando os 5 trabalhos sobre as relações sociais escolares, 1 sobre afetividade e 1 sobre formação de professores. Com isso, foi realizada a leitura das considerações finais nos 8 trabalhos com o objetivo de verificar os que propiciariam aprofundamento sobre o assunto em questão, os quais estão descritos nos resultados a seguir.

TDAH e relações escolares: uma análise da literatura de abordagem crítica

Para ampliar as buscas sobre o tema, de modo a contemplar artigos científicos já publicados sobre o objeto desta investigação, foi utilizado o site SciELO Brasil, que possui amplo acesso a diferentes periódicos. Assim, as palavras-chave utilizadas foram: TDAH e amizade, sendo encontrado um artigo. Para contemplar os descritores utilizados na BDTD, foi realizada uma nova busca no site SciELO Brasil com as palavras-chave: TDAH, relações e escola, onde foram encontrados dois artigos, sendo um deles repetido, ambos sobre medicalização. Portanto, foram descartados.

Quadro 1: Trabalhos selecionados

TÍTULO	AUTOR	BUSCA	CRITÉRIO DE SELEÇÃO	TIPO	ANO
Relações de amizade em meninos com transtorno de déficit de atenção /hiperatividade (TDAH)	Soraya da Silva Sena	B1	Relações de Amizade	Dissertação	2009
Interações e relações de amizade: um estudo longitudinal no contexto de uma escola inclusiva	Carla de Cássia Carvalho Casado	B1	Relações de Amizade	Tese	2012
O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na perspectiva de psicólogos que atuam na clínica e na escola	Roseli de Melo Germano Marques dos Santos	B2	Relações Sociais	Dissertação	2012
A subjetividade do estudante universitário diagnosticado com TDAH	Francisca Juliana da Silva Barbosa	B2	Relações Sociais	Dissertação	2017
O papel da interação social na aprendizagem do aluno com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade - TDAH : o caso do CENEP - HC/UFPR	Sandra Regina Dias da Costa	B2	Relações Sociais	Dissertação	2006
Significados do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na cultura de pares infantil	Marina Serejo Girão Lopes	B2	Relações Sociais	Dissertação	2018
As interfaces entre a Terapia Ocupacional e a Teoria da Subjetividade nos processos de aprendizagem	Polyana Gonçalves de Sousa	B2	Relações Sociais	Dissertação	2017
Ensinando matemática para alunos diagnosticados como portadores de transtorno de	Rosana Santana Martins	B2	Afetividade	Dissertação	2011

déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) : uma proposta baseada no desenvolvimento da autorregulação					
Percepções de professores das políticas públicas de formação para a inclusão educacional de crianças com diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade	Soely Aparecida Fagundes	B2	Professores	Dissertação	2011
Percepção dos pais sobre amizade em crianças típicas e com TDAH	Soraya da Silva Sena e Luciana Karine de Souza	B3	Relações de Amizade	Artigo	2013

Fonte: os autores (2021)

Resultados

Ao mesmo tempo em que desejamos que crianças com deficiências e outras necessidades específicas sejam de fato acolhidas e atendidas na escola, torna-se necessária a reflexão e expansão de pesquisas sobre o assunto, pois, como afirma Diniz (2007, p. 5), essa área ainda é pouco explorada, porque a visão da deficiência e da diferença em si é ainda vinculada à autoridade biomédica, sendo “considerada tragédia pessoal, e não uma questão de justiça social”. Desse modo, não se desconsidera a importância da área da saúde. Contudo, é preciso compreender que essa perspectiva tem um olhar exclusivo para o diagnóstico, para a patologia, para o que não é normal, ponto de vista que difere daquilo que os pesquisadores da área da educação pensam, pesquisam e acreditam. Assim, “sob a ótica do modelo médico, a deficiência, assim como a doença, é vista como um problema, um déficit, um desvio que, em contraposição às noções socialmente estabelecidas de norma e normalidade, deve ser ‘curada’, ‘contida’ ou ‘normalizada’” (WUO; IVANOVICH, 2017, p. 349).

A dissertação de Sena (2009), se aproxima desta pesquisa porque discute as relações interpessoais dos estudantes com e sem TDAH. Tem como título *Relações de amizade em meninos com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH)*. Por meio desse estudo, a autora realizou entrevistas semiestruturadas com 39 meninos de sete a nove anos de idade e com seus pais ou responsáveis. A autora dividiu os participantes em grupos: 18 meninos compõem o grupo Clínico, que são crianças com TDAH e 21 compõem o grupo Típico (crianças sem TDAH). Sena (2009) argumenta que diante de situações cotidianas,

estudantes com TDAH – devido aos sintomas do transtorno – podem ter poucos parceiros e amigos nas brincadeiras, e isso acontece porque ele tende a ser mais desatento, imaturo, provocativo, além de possuir dificuldades em manter promessas feitas. Tais ações causam um grande impacto no cotidiano do estudante com TDAH, visto que as relações interpessoais influenciam na autoestima e possibilitam apoio afetivo e social para que possam lidar da melhor forma com as adversidades. Na análise dos dados obtidos na pesquisa, Sena (2009) destaca que não há diferença com relação ao número de amigos, pois todos os participantes indicaram que possuem, no mínimo, um amigo. Ela também destaca que não há diferença em relação à melhor amizade, pois todos os participantes dizem possuir um melhor amigo. A partir disso, cabe destacar a importância da participação da família para o fortalecimento das relações afetivas e interpessoais da criança com TDAH, no sentido de contribuir significativamente para o pleno desenvolvimento e suas relações de amizade.

A tese intitulada *Interações e relações de amizade: um estudo longitudinal no contexto de uma escola inclusiva* foi elaborada por Casado (2012) em que realizou um estudo sobre as relações de amizade entre alunos que são considerados “de inclusão” em uma escola em Belém do Pará. A autora realizou estudo de casos múltiplos com quatro parceiros focais e seus respectivos amigos, colegas, professores e técnicos tendo como base a Teoria das Relações Sociais de Robert Hinde (CASADO, 2012). Com o estudo, a autora percebeu que dois alunos não tiveram amigos recíprocos, e foram rejeitados no decorrer da pesquisa, um deles possui diagnóstico de TDAH, o outro Paralisia Cerebral. Um aluno teve um amigo recíproco, porém quando o amigo não estava presente ele permanecia sozinho, esse aluno possui Deficiência Mental. Um aluno com Deficiência Auditiva teve amizade com três alunos. A autora identificou que a aparência física, preconceitos e dificuldades constituem os motivos de rejeições e preferências sociais, mas “no que se refere as relações de amizade, percebeu-se que a percepção das pessoas que formam o contexto escolar dificultou, mas não impediu que os parceiros focais construíssem amizades recíprocas” (CASADO, 2012, p. 10). Assim, a pesquisa permitiu que a autora pudesse identificar a existência de satisfação e apoio nas relações com os amigos, demonstrando afeto publicamente e preocupação com o outro, os amigos também desconheciam os problemas existentes, havendo diversas percepções positivas entre eles, pois raramente discordavam e compartilhavam preferências, pensamentos e confidências. A autora também identificou a preocupação dos

amigos em atender as necessidades dos outros, de modo com que demonstravam interesse em permanecer com tais relações. Casado (2012) concluiu que é possível haver relações recíprocas de amizades entre os alunos que possuem deficiências e os que são considerados ‘normais’ e que essas relações de amizades existentes entre os participantes da pesquisa demonstravam respeito, afeto e eram satisfatórias para os envolvidos. Assim, percebemos, com base no trabalho da autora, que é importante elaborar estratégias e práticas cotidianas que visem a estimulação das relações de amizade entre crianças com e sem deficiência, para uma escola mais inclusiva. Ou seja, a autora afirmou com o estudo que alunos com deficiência podem ter amigos, porém, “existem muitas variáveis que interferem na formação destas amizades, cabendo as escolas criarem estratégias para romper com o preconceito e garantir a sua real aceitação nos grupos sociais” (CASADO, 2012, p.222).

A dissertação: *O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na perspectiva de psicólogos que atuam na clínica e na escola*, de Santos (2012) fornece contribuições acerca das concepções dos psicólogos sobre estudantes com TDAH, no Paraná. A autora realizou entrevistas semiestruturadas para aprofundar o conhecimento sobre a Teoria Histórico-Cultural (Vygotsky, 1996) e investigar a compreensão que os psicólogos – clínicos e escolares possuem acerca do TDAH, para identificar se possuem concepções biologizantes/psicopatologizantes ou com base nas relações sociais. Para Santos (2012, p. 103) “os homens nascem iguais em potencialidade biológica, mas se diferenciam à medida que uns se apropriam de grande parte das aquisições sociais, especialmente a cultura; e outros permanecem à margem”. Assim, a autora afirma que na escola muitos desses problemas são atribuídos à criança, à família ou ao professor e que na verdade são condições de um ‘caos social’. Ou seja, crianças passam a ser rotuladas como doentes e consumidoras de terapias e medicamentos, tendo a própria criança como centro de todo o problema, assim como o modelo biomédico. Quanto a formação do psicólogo, a autora afirma que: “há um predomínio do modelo clínico na formação e prática profissional do psicólogo, e isso é fruto da própria construção histórica da disciplina” (SANTOS, 2012, p. 104). Parte importante de ser considerada no estudo é a “superação do modelo clínico de atuação, pois nos deparamos com profissionais da Psicologia inseridos na escola que assinalam atuar dentro de uma perspectiva crítica” (SANTOS, 2012, p. 104). Assim, a autora relata que o conhecimento científico está fragmentado, cada vez mais centrado em técnicas

e mais distante do social, do humano. Pois na pesquisa observou que comportamentos considerados mal adaptados das crianças com TDAH “aparecem como culpados as próprias crianças, os pais e os professores, sem considerar questões sociais e econômicas características do modelo de sociedade capitalista” (SANTOS, 2012, p. 105). É necessário considerar todo o contexto social que a criança está inserida, pois questões sociais amplas interferem diretamente em todo o processo, tornando-se importante a divulgação de estudos sobre o Modelo Social, analisando a relação indivíduo/sociedade para compreender tais fenômenos em sua totalidade e complexidade. Por isso, Santos (2012, p. 3) conclui que “aquilo que se considera como TDAH é, antes, um problema decorrente da forma como se estrutura e se organiza a sociedade e suas relações sociais de produção”.

A dissertação intitulada *A subjetividade do estudante universitário diagnosticado com TDAH* da autora Barbosa (2017) teve como objetivo analisar como o diagnóstico de TDAH tem constituído a subjetividade de estudantes universitários, e a sua subjetividade diante das ações da família, da escola, da universidade, e sobre como as relações são estabelecidas nesses espaços. Foi realizada com base na Teoria da Subjetividade, em uma perspectiva cultural-histórica, e por meio da Metodologia Construtivo-Interpretativa, fundamentada na Epistemologia Qualitativa, todas desenvolvidas por González Rey. Os sujeitos participantes da pesquisa foram 3 estudantes diagnosticados com TDAH ainda na infância e que estavam em processo de finalização dos cursos de engenharia da computação, engenharia civil e psicologia. Percebeu-se emoção em todos os aspectos subjetivos envolvidos, perpassando todos os espaços relacionais, como dentro e fora da universidade e escola. Quando questionados sobre as singularidades atendidas nas aulas, foi perceptível que “ela tem sido considerada (...) como um direito somente daqueles que têm como comprovar as suas dificuldades de se adequar ao formato tradicional de educação” (BARBOSA, 2017, p. 74). Assim, a inclusão ocorria no sentido de permanência no mesmo espaço, mas sem uma relação dialógica entre alunos e professores. Barbosa (2017) destacou que os participantes da pesquisa relataram que o modelo hegemônico de educação fez não se adaptarem totalmente ao formato de ensino formal e talvez isso não seja realmente possível, pois pensando a partir da teoria da subjetividade, não há como se ter uma forma única de ensinar e universal de aprender, pois cada indivíduo é um, possui sua complexidade, cultura, histórias e experiências únicas. Com o estudo, Barbosa (2017) trouxe reflexões para a necessidade de ter olhares para além da patologia do TDAH, sendo importante considerar

os “aspectos emocionais no processo de ensino-aprendizagem, o lugar do diagnóstico na construção de estratégias pedagógicas e a emergência do sujeito nas instituições de ensino e na sociedade como um todo” (BARBOSA, 2017, p. 9). Pois se isso não ocorrer a discussão em torno do tema será incompleta, sendo pesquisas “de pessoas que acreditam que conhecem o transtorno mais que aqueles que o vivenciam diariamente” (BARBOSA, 2017, p. 76).

A dissertação *O papel da interação social na aprendizagem do aluno com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade - TDAH: o caso do CENEP - HC/UFPR* de Costa (2006) buscou demonstrar o papel das interações sociais na aprendizagem de um estudante com TDAH, com base na Teoria Histórico-Cultural. Costa (2006) revela que os profissionais da educação precisam conhecer as bases neurais do transtorno, pois apresenta heterogeneidade clínica e etiológica, necessitando de estudos para compreensão e destaca ainda a importância da interdisciplinaridade entre saúde e educação, pois o aluno com diagnóstico de TDAH deve ser entendido como uma ‘unidade psicossomática’, assim a mente e o corpo são vistos como interdependentes. Com a pesquisa, a autora afirma que foi possível observar a necessidade de novos conhecimentos e estratégias por parte dos educadores para aprendizagem de estudantes com TDAH, bem como seu desenvolvimento. Assim, perceberam os benefícios que as relações entre os envolvidos têm para o desenvolvimento dos estudantes com o transtorno, sendo importante entender as limitações e possibilidades do diagnóstico e a partir disso propiciar novas práticas e relações que permitam um novo olhar para o aluno com TDAH, entendendo-o como um sujeito histórico, que a partir da mediação, relação e ação do outro pode haver mudanças significativas no processo de aprendizagem.

Na dissertação intitulada *Significados do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na cultura de pares infantil*, Lopes (2018) relata que o diagnóstico de TDAH tem sido frequente e uma das alterações comportamentais mais diagnosticadas na infância atualmente. Ela também afirma que o transtorno surgiu na área da saúde, mas possui diversos contextos como escola, família e sociedade e assim há interpretações distintas sobre o TDAH, sendo atribuídos muitos sentidos, significados e discursos em relação a ele. Lopes (2018) possui como base teórica a psicologia histórico-cultural e a sociologia da infância, com o objetivo de analisar as interpretações de crianças com TDAH e como esses

discursos são reproduzidos nas interações entre os pares. O TDAH transcorre diversos contextos da vida das crianças envolvidas na pesquisa e a interpretação sobre o transtorno é importante na construção da cultura entre as crianças. Na pesquisa, o diagnóstico interferiu nas relações com os adultos e com as outras crianças, estando sempre presente nas relações. Isso “serviu de base para o estabelecimento de relações hierárquicas, uma vez que as crianças criavam patamares diferentes no grupo com base naquilo que as caracterizavam, primordialmente: os comportamentos associados ao diagnóstico de TDAH”. (LOPES, 2018, p. 7). Assim, o diagnóstico de TDAH permeia todo o processo de inserção e construção de relações na cultura de pares infantil, mas é necessário sempre considerar o contexto dessas relações.

As interfaces entre a Terapia Ocupacional e a Teoria da Subjetividade nos processos de aprendizagem elaborada por Sousa (2017) refere-se à Teoria da Subjetividade, de González Rey e suas implicações na prática da Terapia Ocupacional (TO) na escola. Assim, a autora buscou compreender aspectos da subjetividade dos estudantes que possuem dificuldades de aprendizagem. A pesquisa ocorreu em um espaço terapêutico e uma escola pública de ensino fundamental com um grupo de adolescentes com TDAH. Com base nas relações observadas na pesquisa, ela compreendeu a dinâmica subjetiva dos adolescentes e a existência do transtorno orgânico, com suas implicações nas dificuldades de aprendizagem relatadas. Sousa (2017) identificou barreiras no processo de aprendizagem que estavam fortemente implicadas no contexto e nas relações sociais dos adolescentes, envolvendo a construção de ambientes favoráveis para o posicionamento. Uma grande contribuição da TO foi na criação de um espaço em que os estudantes pudessem participar e se comunicar entre si. Já na escola houve implicações nas relações sociais e nos espaços comunicacionais entre professores e alunos. Assim, a autora afirma que os comportamentos que foram demonstrados pelos estudantes estavam envoltos por “uma dinâmica subjetiva complexa, com implicações de diversas questões sociais e familiares, demonstrando uma necessidade de espaços e relações sociais favoráveis para que eles pudessem se posicionar” (SOUSA, 2017, p. 7). Contudo, a autora conclui que as ações da TO, com base na Teoria da Subjetividade propiciaram ambientes que valorizassem os sujeitos e a construção de suas relações com os demais, sendo ambientes que estimularam os processos de desenvolvimento subjetivo.

Martins (2011) elaborou a dissertação intitulada: *Ensinando matemática para alunos diagnosticados como portadores de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): uma proposta baseada no desenvolvimento da autorregulação*, com o objetivo de investigar as contribuições de um trabalho realizado extraclasse de Matemática para o comportamento e aprendizagem de crianças com TDAH. O trabalho envolvia atividades relacionadas a aprendizagem de conceitos geométricos e aritméticos em encontros que foram pautados em organização, ação-reflexão, foram encontros em ambiente afetivo e com respeito mútuo. Na apreensão dos conceitos matemáticos estiveram envolvidas as noções de motivação e autorregulação. Para Martins (2011, p. 6) o diagnóstico de TDAH está presente na vida dos indivíduos, ocasionando alguns prejuízos, “como a adaptação e desempenho ao ambiente escolar, relações interpessoais e desempenho profissional”. Porém, a pesquisa possibilitou a autora afirmar que “alguns diagnósticos podem ter sido precipitados” (MARTINS, 2011, p. 6). Pois com o estudo, pode afirmar que todos os estudantes envolvidos foram capazes de compreender os conceitos estudados, cada um com seus níveis de profundidade, e os estudantes não manifestaram dificuldades de aprendizagem que fossem significativas, demonstrando a importância de ir além do diagnóstico e da contribuição da afetividade e de um ambiente com relações atenciosas e afetivas.

A dissertação intitulada: *Percepções de professores das políticas públicas de formação para a inclusão educacional de crianças com diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade* foi elaborada por Fagundes (2011) e estuda a formação dos professores em relação às políticas públicas de educação inclusiva. Participaram da pesquisa 30 professores de escolas públicas e privadas. Assim, deu ênfase, em seu estudo, às crianças diagnosticadas com TDAH, com o objetivo de compreender quais as concepções que os professores têm sobre o tema e proporcionar melhoria em relação ao trabalho dos educadores com alunos com TDAH. Destarte, a autora buscou romper com concepções biologicistas no modo de pensar a educação inclusiva, “a partir das contribuições da psicologia crítica, que concebe o homem como um ser que se constitui nas relações sociais, nos seus projetos históricos e exercício da política” (FAGUNDES, 2011, p. 8). Com a pesquisa, Fagundes (2011) pôde compreender, com base nas falas dos educadores, que há pouca formação sobre o TDAH nos cursos ofertados, e que eles acreditam que seja necessário o fortalecimento da relação

das famílias com a escola, para que seja possível lutar por políticas públicas de formações, inicial e continuada, também de condições melhores de trabalho para buscar e garantir condições de acesso e permanência igualitários. O conhecimento não é estático, fechado, mas sempre passível de novos questionamentos. Assim, as entrevistas realizadas com os professores da pesquisa possibilitaram Fagundes (2011, p. 136) afirmar: “que os professores têm pouco conhecimento ou nenhum a respeito das diferentes concepções de homem e de como isto permeia a política e as práticas educativas”. Dessa forma, a pesquisa possibilitou perceber a necessidade de integrar a formação de professores com as lutas por práticas sociais inclusivas, para que assim os professores passem a não confundir mais o que “é sintoma e prejuízo do transtorno decorrente de uma incapacidade, ou se é preguiçoso, incompetente, rótulos esses que ainda circulam em torno da compreensão do que é TDAH” (FAGUNDES, 2011, p. 136) e que precisam ser repensados, refletidos e desfeitos.

Para ampliar as buscas sobre o tema, no site SciELO Brasil foi realizada a busca com as palavras-chave: TDAH e amizade, assim como na busca da BDTD. Com isso, foi encontrado um documento. Para acrescentar os descritores também utilizados na BDTD, foi realizada uma nova busca com as palavras-chave: TDAH, relações e escola e foram encontrados dois documentos, um deles era repetido e o outro descartado porque tratava especificamente sobre medicalização, assunto para outro estudo.

O artigo intitulado *Percepção dos pais sobre amizade em crianças típicas e com TDAH*, de autoria de Sena e Souza (2013) envolve a comparação entre a percepção de pais e crianças com TDAH e sem TDAH sobre as relações de amizade, pois essa promove desenvolvimento, aprendizagem e saúde das crianças. As autoras perceberam que os pais são alheios às relações sociais dos filhos e que há um viés positivo nas relações de amizade das crianças com TDAH. Elas observaram uma tendência adultocêntrica dos pais na compreensão da amizade. No trabalho, Sena e Souza (2013, p. 68) afirmaram que “a vida escolar, portanto, seria melhor observada pelos professores, incluindo aí as relações sociais das crianças”. Quanto a justificativa da amizade, o brincar foi fortemente citado, isso porque o brincar possibilita às crianças, especialmente com TDAH a exercerem a inventividade e criatividade, incluindo também brincadeiras que possibilitem a melhora do esforço físico, agitação e agilidade. (SENA; SOUZA, 2013, p. 63). Também revelam que os pais de crianças com TDAH estão mais envolvidos diretamente nas relações sociais de seus filhos. Isso porque são orientados por outros profissionais – psicoterapeutas por exemplo, a incentivar

seus filhos a fazer amizades. Assim, foi perceptível a importância de estudos sobre as relações sociais e constituição de amizades entre crianças com TDAH, visto a pouca abordagem nos trabalhos publicados.

Considerações finais

Os trabalhos foram selecionados levando em consideração a relação com o tema de estudo e as possíveis contribuições para a presente pesquisa. Conforme destacado, muitos trabalhos são vinculados à perspectiva médica da deficiência, considerando os corpos diferentes como anormais, desviantes e vistos como uma tragédia pessoal, que precisa ser normalizado. Destacamos a importância da divulgação de mais estudos sobre a neurodiversidade, modelo social da deficiência e do enfrentamento às normas existentes com relação aos corpos considerados desviantes. Com a pesquisa, percebemos que poucos trabalhos são sobre a perspectiva dos estudantes com TDAH e as relações que constituem com os demais, e destacamos a importância de considerar as relações e a inclusão a partir da vivência dos próprios estudantes, que vivenciam o processo em seus cotidianos. Dessa forma, foi possível compreender, que educar considerando as diversidades é mais uma forma de considerar as singularidades e romper com a lógica da homogeneidade. Com base no estudado, foi perceptível o quanto é necessário desvincular o TDAH da patologia, entendendo esse transtorno como reflexo de questões sociais, educacionais, políticas, pedagógicas e afetivas e não decorrente apenas de uma ordem biológica. Não se pode generalizar o comportamento do estudante, pois há interferências do meio e do contexto no qual está inserido que fazem com que ele não seja desatento ou hiperativo em todos os momentos. Destarte, a comunidade escolar como um todo precisa ser um espaço de acolhimento das diversidades, que tenha os estudantes como foco do processo educativo e de planejamento pedagógico centrado no lúdico, para que foque a atenção das crianças em prol da aprendizagem significativa. Que a escola também possa ser um espaço de reflexão sobre a padronização dos comportamentos e a patologização dos corpos infantis, em vista de não servir somente como aparelho em função do Estado e das classes dominantes, mas de atuar na contracorrente das ideologias normatizadoras, fortalecendo as relações construídas no ambiente escolar, especialmente as relações de amizade, para uma escola mais acolhedora e inclusiva.

Referências

- BARBOSA, Francisca Juliana da Silva. **A subjetividade do estudante universitário diagnosticado com TDAH**. 2017. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25235> Acesso em: 08 jun. 2021.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CASADO, Carla de Cássia Carvalho. **Interações e relações de amizade: um estudo longitudinal no contexto de uma escola inclusiva**. 2012. 277 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/10140>. Acesso em: 08 jun. 2021.
- COSTA, Sandra Regina Dias da. **O papel da interação social na aprendizagem do aluno com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade - TDAH: o caso do CENEP - HC/UFPR**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 2006. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/3957> Acesso em: 08 jun. 2021.
- DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. 2007. Disponível em: http://www.museusacessiveis.com.br/arquivosDown/20190204153017_o_que_c%C2%A9_deficic%C2%AAncia_-_dc%C2%A9bora_diniz.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.
- FAGUNDES, Soely Aparecida. **Percepções de professores das políticas públicas de formação para a inclusão educacional de crianças com diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade**. 2011. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://tede.utp.br/jspui/retrieve/1778/PERCEPCOES%20DE%20PROFESSORES.pdf>. Acesso em: 03 set. 2020.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GONDRA, José Gonçalves. A sementeira do porvir: higiene e infância no século XIX. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 99-117, jan./jun. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022000000100008&script=sci_arttext Acesso em: 04 ago. de 2020.
- GONDRA, José Gonçalves. Artes de Civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, **Anais [...]**, Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.05.22.pdf> Acesso em: 26 set. de 2020
- LOPES, Marina Serejo Girão. **Significados do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na cultura de pares infantil**. 2018. 72f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Fortaleza (CE),

2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/33795> Acesso em: 08 jun. 2021.

MARTINS, Rosana Santana. **Ensinando matemática para alunos diagnosticados como portadores de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH):** uma proposta baseada no desenvolvimento da autorregulação. 2011. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2011. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/2656> Acesso em: 08 jun. 2021.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso; COLLARES, Cecília Azevedo Lima. Controle e medicalização da infância. **Desidade**, n. 1, a. 1, p. 11-21, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/desidades/article/view/2456> Acesso em: 02 jun. 2020.

OLIVEIRA, Cristiane. Eugenizar a alma: a constituição da euphrenia no projeto de higiene mental voltado à infância da Liga Brasileira de Higiene Mental. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 627-641, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233021455004.pdf> Acesso em: 04 ago. 2020.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n. 1, p. 67-77, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232009000100012&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 25 jun. 2020.

SANTOS, Roseli de Melo Germano Marques dos. **O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) na perspectiva de psicólogos que atuam na clínica e na escola.** 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Maringá, 2012. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/3070> Acesso em: 08 jun. 2021.

SENA, Soraya da Silva. **Relações de amizade em meninos com transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH).** 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/TMCB7WYKXB/2/soraya_da_silva_sena.pdf Acesso em: 03 set. 2020.

SENA, Soraya da Silva; SOUZA, Luciana Karine de Souza. **Percepção dos pais sobre amizade em crianças típicas e com TDAH,** 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/fZbPJ6xbCxwFCgfgzXVfrjN/?lang=pt> Acesso em: 15 jun. 2021.

SILVA JÚNIOR, Nelson Gomes de Sant’Ana e; ANDRADE, Ângela Nobre de. “É melhor pra você!”: normatização social da infância e da família no Brasil. **Revista do Departamento de Psicologia**, v. 19 - n. 2, p. 423-438, Jul./Dez. 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250048426_E_melhor_pra_voce_normatizacao_social_da_infancia_e_da_familia_no_Brasil Acesso em: 04 ago. 2020

SOUZA, Polyana Gonçalves de. **As interfaces entre a Terapia Ocupacional e a Teoria da Subjetividade nos processos de aprendizagem.** 2017. 152 f., il. Dissertação (Mestrado em

Educação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:
<https://repositorio.unb.br/handle/10482/24053> Acesso em: 08 jun. 2021.

WUO, Andrea Soares; IVANOVICH, Ana Carolina Friggi. Educação Inclusiva e Diferença: um estudo sobre a produção do conhecimento na área. **Revista COCAR**, Belém, v.11, n. 22, p. 347 a 373, jul./dez. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1612/920> Acesso em: 25 mar. 2020.

WUO, Andrea. **A Criança na Revista de Psicologia Normal e Patológica do Instituto de Psicologia da PUCSP**: um estudo sobre ajustamento/desajustamento. 2009. 368 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/16572> Acesso em: 25 mar. 2020.

Este artigo faz parte da dissertação de mestrado defendida na FURB em março de 2021.

Sobre os autores

Luíza Nunes Marques

Mestra em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), licenciada em Pedagogia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), integrante do Laboratório de Estudos em Educação, Diferenças e Inclusão (LAEDI/FURB). E-mail: luiza.n.m@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6352-6948>

Andrea Soares Wuo

Doutora em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), mestra em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), líder do Laboratório de Estudos em Educação, Diferenças e Inclusão (LAEDI/FURB). E-mail: awuo@furb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2110-7184>

Recebido em: 06/09/2021

Aceito para publicação em: 21/10/2021